



## Memórias do Jornalismo Impresso em Frederico Westphalen -RS<sup>1</sup>

Angelita Machado CANCIAN<sup>2</sup>  
Carina Taina de OLIVEIRA<sup>3</sup>  
Andréa WEBER<sup>4</sup>  
Gonzalo PRUDKIN<sup>5</sup>

### RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido como parte do projeto de extensão Preservando o Patrimônio Histórico: Digitalização De Jornais Antigos da Biblioteca Pública Municipal “Carlos Luiz Vendruscolo” e do Museu “Wilson Lutz Farias” de Frederico Westphalen, RS, e faz, por meio de entrevistas, um memorial histórico do jornalismo impresso em Frederico Westphalen. Como não existiam dados registrados sobre o tema, o resultado final deste trabalho é um acumulado de lembranças de pessoas que trabalharam e conviveram com a imprensa na época, sendo, com isso construído um breve memorial sobre como funcionavam os jornais, o jornalismo e suas técnicas na mídia impressa frederiquense.

**PALAVRAS-CHAVES:** história do jornalismo; jornalismo impresso, entrevista

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo conhecer a história do jornalismo impresso no município de Frederico Westphalen por meio da memória dos cidadãos que fizeram parte da construção destes veículos.

Ademais pretende-se com este artigo reviver e preservar o passado dos meios de comunicação impresso, bem como fazer um resgate histórico sobre esse tema, uma vez que, não há registros escritos na cidade sobre a criação e como eram os jornais a 40 anos atrás. Além disso, almeja-se fazer por meio desse estudo, uma divulgação para os munícipes que desconhece essa parcela da história frederiquense.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, email: [angelitamcancian@hotmail.com](mailto:angelitamcancian@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da EUFSM, email: [carina\\_tainals1@hotmail.com](mailto:carina_tainals1@hotmail.com)

<sup>4</sup> Coordenadora do Projeto, Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM- Campus Frederico Westphalen,FW, RS: [andrea.weber@ufsm.br](mailto:andrea.weber@ufsm.br)

<sup>5</sup> Coordenador do Projeto, Professor Adjunto do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM-Campus Frederico Westphalen, FW, RS: [gprudkin@gmail.com](mailto:gprudkin@gmail.com)



Devido o fato de não haver estudos conhecidos sobre a origem da imprensa na cidade, o presente artigo torna-se importante para realizar este resgate histórico, uma vez que, as informações sobre esse assunto estão apenas registradas na memória dos moradores que ajudaram e participaram da criação e construção dos meios impresso da cidade. Além disso, é necessário realizar esta investigação antes que essa parte da história se perca ao longo dos anos e seja esquecida.

Realizar este estudo de memória também se faz importante levando em consideração que por meio dos meios de comunicação é possível conhecer o passado e a história da cidade juntamente com seu desenvolvimento ao passar do tempo. Desta forma além de um resgate sobre a história do jornalismo, também será recuperado a história da cidade e dos fatos que aconteceram.

É importante ressaltar que este estudo trata-se de um ensaio inicial não de caráter historiográfico, mas memorialista. Um estudo como este, faz um resgate histórico não por meio de documentos, mas por meio da memória das pessoas que viveram e presenciariam de forma ativa ou não o acontecimento.

A memória teria a função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa se valer do passado que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante em que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida (BOSI, 1994, p.47).

Sendo assim, entendendo que a memória tem com principal característica ser uma reserva do passado, este artigo apresenta justamente um estudo memorialista por ser a única reserva e fonte de informação sobre a história dos meios impressos, uma vez que, não há relatos sobre o assuntos em livros e essa história está somente registrada nas lembranças de algumas pessoas.

Além disso, Ecléa Bosi afirma que há dois tipos de memória, a memória habitual e a lembrança.

De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independente de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares que constituíram autênticas ressurreições do passado (BOSI, 1994, p. 48).



Desta forma, este artigo se valerá, não apenas de um estudo de memória, mas também de lembranças, isso por que o conteúdo das entrevistas realizadas apresenta não uma memória de hábitos mais sim as lembranças das pessoas que viveram e construíram a história dos jornais de Frederico Westphalen.

O município de Frederico Westphalen tem sua história vinculada à colonização do alto Vale do Uruguai, aos municípios de Palmeira das Missões e Iraí. O povoamento da cidade iniciou em 1917, ainda no território de Palmeira das Missões. Embora o nome anterior fosse Barril, foi alterado durante o período de emancipação, para Frederico Westphalen em homenagem ao engenheiro que esteve à frente da direção da Comissão de Terras e Colonização do Estado em Palmeira das Missões. O município foi emancipado em meados de 1950, conforme afirma Wilson Ferigollo (2004, p.39), “em 1937 aconteceu o primeiro movimento para emancipar, mas como existiam poucas casas na vila o assunto ficou adormecido até 1949, mas que cresceu mesmo foi a partir de 1950.”

Localizado no Médio Alto Uruguai, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul e a 428 quilômetros da capital Porto Alegre, o município de Frederico Westphalen possui 30.251 habitantes segundo a estimativa do IBGE (julho de 2013). A base da economia local está concentrada no setor primário, com mais de 1.670 propriedades rurais. O setor industrial destaca-se pela produção moveleira e pelo pólo metalúrgico. Os dados também apontam para 840 estabelecimentos comerciais, desde as pequenas empresas familiares até lojas de redes nacionais, dispondo ainda de rede bancária formada por sete sistemas financeiros. Já na educação, a multiplicidade das escolas de educação básica e, sobretudo, a dos cursos superiores são destaque na cidade que conta com 4 universidades de ensino superior além de 2 escolas técnicas.

O presente trabalho é resultado de um projeto intitulado Preservando o Patrimônio Histórico: Digitalização De Jornais Antigos da Biblioteca Pública Municipal “Carlos Luiz Vendruscolo” e do Museu “Wilson Lutz Farias” de Frederico Westphalen, RS. A metodologia usada para a elaboração deste artigo se dá por meio de entrevistas em profundidade. Segundo Duarte e Barros a entrevista pode ser entendida como:

É essencialmente exploratória e flexível, não havendo seqüência predeterminada de questões ou parâmetros de respostas. Tem como ponto de partida um tema ou uma questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo os seus próprios termos, utilizando como



referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência (DUARTE e BARROS, 2008, p.65).

Sendo assim, foram realizadas as entrevistas com pessoas que viveram na época do surgimento destes jornais e que de alguma maneira estavam envolvidos com eles. As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2014. A primeira fonte foi o historiador da cidade, o qual conhecia a história dos jornais. A partir dessa primeira entrevista ele indicou outras fontes, e foi por meio das indicações dos entrevistados que conhecemos os envolvidos e realizamos as entrevistas. É importante ressaltar que todas as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

Além das entrevistas em profundidade, também foi efetuada uma consulta aos exemplares destes jornais antigos que estão no museu e na biblioteca municipal e também realizamos uma pesquisa bibliográfica em livros sobre a história da mídia impressa na cidade.

As pessoas que participaram dessa serie de entrevistas serão denominadas neste artigo apenas por: Entrevistado 1, Entrevistado 2, Entrevistado 3, Entrevistado 4. Foram realizadas quatro entrevistas com pessoas na faixa etária entre 74 anos a 80 anos, as pessoas selecionadas para as entrevistas tinham ligação direta com os jornais, eles foram diretores, redatores, colunistas e donos de banca de jornais.

Este artigo será organizado em duas partes. Na primeira parte serão apresentadas as referências bibliográficas encontradas nos livros sobre a história da mídia impressa, bem como algumas menções sobre a existência de alguns jornais na cidade. A segunda parte tratará sobre o início da imprensa na cidade e a modo como os jornais foram construídos.

## **1. REFERÊNCIAS À IMPRENSA NA HISTORIOGRAFIA LOCAL**

Os meios comunicação da cidade de Frederico Westphalen não iniciaram com os jornais impressos, pelo contrário, a implantação da rádio Luz e Alegria foi um grande salto para o início dos meios de comunicação na cidade.

Segundo Wilson Ferigollo, no seu livro Restos e Rastros do Barril, a rádio Luz e Alegria começou em 1944 quando a paróquia tinha um serviço de amplificador chamado Luz e Alegria, um pequeno microfone e uma coluna de altos falantes fixos na parede da canônica:

Na mesma época chegou um radiotécnico vindo de Porto Alegre montou um amplificador de 25 Watts. Era um aparelho rudimentar e serviu bastante pois causou alvoroço o aparecimento de suas ondas



nos rádios locais. Assim começou a história da rádio Luz e Alegria que funcionou sem autorização. (FERIGOLLO, 2004, p. 287)

Quando a rádio invadiu outras frequências sem autorização, começaram a surgir várias denúncias, que obrigou a rádio a sair do ar várias vezes. A última vez foi em 2 de fevereiro de 1957, quando o DCT recolheu os equipamentos de transmissão da rádio.

Depois do Monsenhor Vitor Battistella<sup>6</sup>, nome importante na implantação da rádio Luz e Alegria, resolver as questões burocráticas que envolviam a criação da rádio, finalmente em meados de julho, a rádio Luz e Alegria estava montada. Segundo Vitor Battistella (1969), no dia 28 de julho de 1957, com a presença de autoridades e de muito povo, a rádio foi colocada ao ar solenemente em caráter experimental. Porém, precisou ser tirada do ar, mas em 28 de outubro a rádio voltou a funcionar com programas seletos e desta vez de forma definitiva.

No entanto, o principal foco desta pesquisa é o resgate histórico da mídia impressa da cidade de Frederico Westphalen. Os três jornais O Despertar, O Alto Uruguai e O Regional podem ser caracterizados como os mais importantes na história da cidade, seja por seu pioneirismo, pela sua estrutura inovadora ou por sua duração no tempo. Eles foram os primeiros jornais a circularem na cidade, e a criação de um foi o que motivou o surgimento do outro.

Sendo assim, será apresentado um pouco da história dos jornais locais encontradas em livros sobre a cidade de Frederico Westphalen. Veremos que, em alguns livros, é possível encontrar rápidas menções à existência desses meios de comunicação.

A partir da criação do CineFatos, a União Frederiquense dos Estudantes (UFE), decidiu fundar, em 26 de setembro de 1965, o jornal O Despertar. Wilson Ferigollo (2004) afirma que em 1967, O Despertar ganhou apoio de Sindicato dos Trabalhadores Rurais e começaram a surgir matérias que incentivavam um clima de rivalidade entre a direção do Despertar e a do CineFatos, pois ambos tinham ideias e ideologias diferentes. Essa rivalidade fez com que o CineFatos se reorganizasse. Foi quando o jornal recebeu o apoio do empresário Vitalino Cerutti que juntamente com os então criadores do CineFatos, fundaram em 20 de fevereiro de 1966, o jornal O Alto Uruguai, veículo este que circula até hoje na cidade.

---

<sup>6</sup> Nascido em 13 de janeiro de 1904 na cidade de Tapera RS, Monsenhor Vitor Battistella estudou teologia em São Leopoldo e tornou-se sacerdote em 04 de novembro de 1930. Tornou-se pároco da capela em 13/03/1932, quando chegou à vila Frederico Westphalen. Administrou a paróquia até 14 de março de 1962, quando assinou a auto renúncia de vigário inamovível. Morreu aos 68 anos, em 17/05/1973.



No livro não fica claro quando o jornal O Despertar acabou, mas o que se percebe com a leitura é que alguns dos colaboradores do Despertar se reuniram novamente para fundarem o jornal O Regional, que teve sua primeira edição no dia 07 de setembro de 1974.

Mas para além desses quatro jornais apresentados, Wilson Ferigollo (2004) traz outros jornais que compuseram a história da imprensa escrita na cidade. São eles: Repórter Regional, de 20 de outubro de 1977; A Voz do Povo, de junho de 1978; O Novo Tempo, de 1º de maio de 1991; Barril Dicas, de 1996; Gazeta do Cañellas, de 1997 (jornal escolar) e Visão Regional, de 1997.

O livro não trás a data de quando esses jornais acabaram, além disso, não tem maiores informações sobre eles, alguns deles têm o nome de um fundador e quais as manchetes que compuseram a primeira edição. No mais, não apresenta informações específicas sobre os veículos, talvez por não se tratarem de veículos com grande impacto social, como os anteriores apresentados.

Na pesquisa bibliográfica, também foram encontradas menções e indicações de que esses jornais existiram na cidade, como acontece no livro Aspectos Significativos da História de Frederico Westphalen, de 1996. Neste livro, a autora Mary Elizabeth Cerutti Rizzatti menciona o nome de um jornal e de um dos fundadores:

Afastando-se da direção da cooperativa Vitalino Cerutti exerceu funções de representante comercial com firma de compra e venda de soja, incluindo atividade de importação e exportação. Fundou posteriormente o jornal “Alto Uruguai”, uma fábrica de carimbo, uma fábrica de telas, uma farmácia, uma imobiliária, tendo transferido tudo para seus filhos quando se aposentou (RIZZATTI, 1996, p. 321).

Porém, como vemos, a autora apenas menciona a fundação do jornal O Alto Uruguai, por Vitalino Cerutti, mas não se alonga em explicar sobre o jornal, ou até mesmo sobre sua data de fundação.

Outro livro que traz também menções da existência de jornais frederiquenses, nesse caso do jornal O Despertar, é o livro Painéis do Passado, de autoria de Monsenhor Vitor Battistella, em que ele menciona que escrevia artigos para o jornal O Despertar:

Este livro surgiu de uma circunstância ocasional. Tendo começado a circular o jornal “O Despertar” órgão local dos estudantes, sindicalizados e operários, vieram convidar-me a colaborar semanalmente com algum artigo, mesmo que pequeno e sobre assunto



a minha escolha. Entendiam evidentemente que tal colaboração prestigiaria o seu semanário (BATTISTELLA, 1969, p. 6).

Além disso, em uma busca pelos exemplares destes jornais antigos, percebeu-se que ainda há alguns exemplares desses jornais no museu e na biblioteca municipal, porém os únicos jornais que se encontram lá são O despertar, O Regional e O Alto Uruguai.

Ademias, pelo fato deste três serem os primeiros jornais de maior porte da cidade e os mais lembrados pelos entrevistados (como se verá no tópico 2). Além disso, eles são os únicos que têm exemplares guardados no Museu e na Biblioteca Municipais, bem como em arquivos do projeto CEDOPH (Centro de Documentação e Pesquisas Históricas do Alto Uruguai) da Universidade Regional Integrada. Por esses motivos foi criado um quadro explicativo sobre esses jornais.

<b>Nome do Jornal</b>	<b>Data de Criação</b>	<b>Data de Extinção</b>	<b>Donos dos Jornais</b>	<b>Localidade de Atuação</b>
<b>O Despertar</b>	26 de Setembro de 1965	Não há registro	Era um jornal dos estudantes e sindicalizados que teve como diretor Renato Hickmann	Frederico Westphalen
<b>O Alto Uruguai</b>	20 de Fevereiro de 1966	O jornal está em circulação até hoje	Vitalino Cerruti, Luis Carlos Vinhas e Luis Fernandes	Frederico Westphalen e região
<b>O Regional</b>	07 de Setembro de 1974	19 de dezembro de 1975	Lauro Paulo Mazzutti, Edio Sponchiado, Elido Girardi, Nadalino J. Marin, Iraci J. Marin	Frederico Westphalen e região

1- A tabela acima apresenta quais foram os principais jornais em circulação em Frederico Westphalen, qual o período de sua duração e no nome de seus proprietários. (Autoria própria)



## **2 MEMÓRIAS SOBRE A IMPRENSA EM FREDERICO WESTPHALEN**

### **2.1 Os primeiros jornais**

Segundo o Entrevistado 1, o primeiro exemplar jornalístico foi impresso no dia 20 de junho de 1965 e se trata do Jornal CineFatos. Após, em setembro do mesmo ano, surgiu O Despertar, e em 20 de fevereiro do ano seguinte, O Alto Uruguai, que continua vivo até hoje. Depois disso, levaram oito anos para que surgisse mais um veículo de comunicação impressa no município, O Regional, que entrou em circulação em setembro de 1974.

O Entrevistado 2 relata que a cidade se manteve unida devido à presença da Igreja Católica, mas, sempre houveram divergências. Segundo ele, Frederico Westphalen, na época, era dividida em dois times de futebol, dois grupos de amizade e dois partidos políticos. Foi justamente essa divisão política que serviu de impulso para a criação dos jornais no município. O Entrevistado 4 também relata que o nascedouro dos jornais de Frederico partiu de alguém que queria ter algum veículo de comunicação para informar as pessoas e também para fazer alguma divulgação de interesse político.

O Entrevistado 2 lembra que os periódicos semanais eram publicados em português. Quando se sentia necessidade de publicar algo em outra língua, como alemão ou italiano, eram feitos apenas folhetins e distribuídos para a comunidade. Não haviam revistas produzidas dentro do município. Ele ainda recorda a existência de matérias sobre Frederico Westphalen em revistas nacionais, mas se tratavam de matérias pagas, como uma que foi publicada na Revista Manchete, sobre o Futebol Clube Itapagé.

O CineFatos era um informativo impresso por mimeógrafo, segundo o Entrevistado 2: “o jornal fazia comentários da cidade, sobre festas, romances, futebol, e o que mais havia na época”.

Devido a desentendimentos entre duas linhas de pensamento político dentro da cidade surgiu O Despertar. O Despertar “foi um jornal criado para informação dos estudantes, para discutir as polêmicas estudantis e também, para incentivar o aluno, o jovem a estudar. Nele, as pessoas da cidade escreviam artigos importantes”, lembra o Entrevistado 4. De acordo com o Entrevistado 3, O Despertar carregava este nome com o interesse de mostrar a necessidade de um “despertar” à comunidade na cultura e na leitura. Ele havia sido assim batizado pelo Padre Fiorino Grassi.





O primeiro jornal frederiquense, o CineFatos, durou pouco mais de seis meses; no dia 21 de janeiro de 1966 ele encerrou suas atividades. Porém, cerca de um mês após, em 20 de fevereiro de 1966, foi inaugurado O Alto Uruguai, nomeado assim porque seria o jornal da Região do Alto Uruguai. Este foi idealizado por Vitalino Cerutti e outros dois amigos, como conta o Entrevistado 1: “Vitalino Cerutti era um entusiasta nesse sentido, ele convidou o Luis Carlos Vinha e o Luis Fernando para formar o Alto Uruguai, e aí fecharam o CineFatos e lançaram o Alto Uruguai, com matérias que foram aos pouquinhos sendo divulgadas e assim o jornal foi crescendo. Ele passou um período muito difícil, era um jornal bastante político, tinha matérias que não agradavam, então criava um clima de austeridade entre as pessoas. Mas o jornal foi se firmando e assim alcançou seu espaço”.

Os entrevistados não sabem como O Despertar chegou ao fim, apenas que, com o tempo, foi desaparecendo. Porém, enquanto durou, O Despertar, que seguia a linha política da Arena, sempre bateu de frente com O Alto Uruguai, que tinha uma tendência política da linha do MDB, lembra o Entrevistado 3.

Alguns anos depois, em 1974, idealizado por Lauro Mazzutti e um grupo de amigos, surgiu O Regional, com a intenção de fazer uma cobertura jornalística de toda a região. O Regional possuía um layout mais moderno, com páginas coloridas e com cadernos encartados. O Entrevistado 4 lembra que “O Regional começou sem dizer que fazia a defesa de algum partido político, mas que casualmente os diretores e a maioria que trabalhava ali tinha uma facção política contrária à do O Alto Uruguai, então, no fundo, o jornal também foi criado para que notícias favoráveis ao partido pudessem ser publicadas no O Regional. E de fato aconteceu assim. Mas ambos faziam divulgações gerais e importantes para a comunidade”.

Segundo os entrevistados, o fim de nenhum desses jornais foi ocasionado por pressões políticas, como a ditadura, por exemplo. O Entrevistado 2 que, na época, era dono de uma livraria, lembra que devido à ditadura apenas uma edição da Revista Veja foi recolhida da cidade.

O Entrevistado 1 afirma que esses jornais “morreram pela própria falta de iniciativa, fecharam por incapacidade administrativa”. Os entrevistados afirmam que com o tempo os jornais foram enfraquecendo e por fim desapareceram. O Regional, por exemplo, durou apenas um ano, em 1975 encerrou suas atividades. Segundo o Entrevistado 3: “O Regional encerrou suas atividades por falta de condições de continuidade, custos muito elevados e equipamento muito fraco, precisava se



modernizar e não conseguiu. O Despertar encerrou as atividades pela falta de recursos e condições de se manter. E O Alto Uruguai, onde houve certamente uma época de restrição, cancelou algumas edições e mais tarde retornou. Mas manteve a empresa, na mesma linha até hoje.”

Na época, não existiam no município jornalistas formados trabalhando nos jornais. Segundo Entrevistado 1: “o primeiro jornalista formado a usar o título foi Augustinho Piovesan, em 1982. Muitos trabalhavam sem ser formados e alguns dos que trabalhavam no O Alto Uruguai e na Rádio Luz e Alegria conseguiram o título profissional pelo tempo de atuação na profissão, devido à lei do jornalista que foi aprovada em 1977”. O Entrevistado 3 conta que quem auxiliava os administradores dos jornais na sua confecção eram os professores da cidade. O Entrevistado 2 complementa que “jornalistas aqui eram pessoas com faculdade, claro, mas em outra área, não em jornalismo”.

As fotografias publicadas nos jornais, na época, eram bem peculiares em comparação as de hoje, pois eram feitas por fotógrafos contratados pelos jornais, segundo coloca o Entrevistado 2: “para as fotografias, existiam, na própria empresa, pessoas que faziam a ampliação, mas para fazer clichê e outras coisas elas eram mandadas para Porto Alegre”. Entrevistado 1 conta como era a rotina fotográfica naquele tempo: “a fotografia era batida e enviada para Porto Alegre, lá era feito o clichê e mandada novamente pra cá. Então se uma foto era tirada no sábado, deveria ser enviada para Porto Alegre no ônibus de domingo à noite, para voltar na quarta-feira e ser publicada no jornal da quinta-feira”. Clichê é a fotografia em alto relevo numa folha de alumínio, por isso as fotografias da época não tinham grande qualidade.

Segundo o Entrevistado 3, “os jornais sobreviviam com o apoio da comunidade, eles então vendiam anúncios para as empresas comerciais e certamente algum outro recurso também ingressava no jornal pra sua sustentabilidade”. Ele também afirma que a sua venda era feita tanto em bancas como por meio de assinaturas. O Entrevistado 1 lembra que o primeiro jornal a surgir no município foi o CineFatos, que era distribuído gratuitamente, e depois o Alto Uruguai era vendido a 50 centavos, ou por assinaturas: “na época assinando o jornal pagávamos 10 cruzeiros e recebíamos 4 jornais por mês entregues em casa. Lembra ainda que “as vendas eram razoáveis, pois mesmo que você não simpatizasse com o jornal, que ele pregasse uma ideologia política diferente da sua, você precisava saber quais eram as notícias da cidade”.



A diagramação e impressão dos jornais eram feitas no próprio município, geralmente nas sedes dos jornais. O Entrevistado 1 conta, por meio da sua experiência, como funcionava esse setor: “existia uma salinha pra você montar o jornal. Eu escrevia em casa, entregava as matérias até lá e os caras a levavam para a tal sala onde tinha uma mesa com o alfabeto em ordem, lá eles montavam a matéria; a diagramação começava ser feita pela manchete, a partir daí iam montando a notícia. Com a matéria escrita, estava pronta a primeira página e assim eles iam formando o jornal. Após, ela ia para uma impressora à mão onde eles prendiam o texto e giravam, faziam o trabalho folha por folha”.

Então, de todos os jornais criados em meados do século passado em Frederico Westphalen, apenas O Alto Uruguai conseguiu manter-se vivo até hoje. Os outros se perderam no tempo por falta de recursos financeiros ou outros motivos que nossos entrevistados não conseguiram explicar. Hoje, o que sobra desses jornais são apenas fragmentos de memórias de pessoas que trabalharam e conviveram com eles a cerca de quarenta anos atrás e alguns exemplares guardados e esquecidos na Biblioteca e Museu Municipal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio das entrevistas foi possível construir um breve memorial da história do jornalismo impresso no município. A partir das lembranças destes cidadãos ficou mais claro como funcionavam os jornais a cerca de quatro décadas atrás, já que praticamente não existiam registros sobre esse assunto em tal período.

Assim, podemos apontar que a criação desses jornais, em sua maioria, se deu por meio de desavenças políticas e ideológicas e que seu funcionamento técnico, no que diz respeito a sua elaboração, era praticamente idêntico de um para o outro e aos demais da região.

Devido ao fato do trabalho ser construído mediante a memória dos entrevistados, que em sua maioria já se encontram em idade avançada, não foi possível chegar a algumas informações e outras foram bastante vagas. Porém, mesmo assim, o objetivo foi alcançado.

Além disso, a partir desse ensaio inicial, cria-se a possibilidade para novos trabalhos sobre a história do jornalismo na cidade, como por exemplo, um estudo sobre a criação das rádios no município, bem como, um estudo detalhado e individual, dos jornais O Despertar, O Alto Uruguai e O regional. Ademais esse artigo fica agora para o



público como fonte bibliográfica sobre uma parte da história de Frederico Westphalen, até então não contada em livros e desconhecida pelos munícipes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATTISTELLA, V. **Painéis do Passado. Frederico Westphalen**: gráfica Marin, 1969.

DRAKE, Karl-Magnus; J USTRELL, Borje e TAMMARO, Anna Maria. **GoodPracticeHandbook V. 1.2**, Ed. Minerva, 2003.

FERIGOLLO, W. A. **Restos e Rastros do Barril. Frederico Westphalen**: Pluma, 2004.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

OT EYZA, Caroline de. **A digitalização dos conteúdos jornalísticos: novas contribuições para pesquisa em comunicação na Venezuela**. In II Congresso Invecom, 2009. Disponível em: <http://www.congressoinvecom.org/index.php/invecom2009/invecom2009/paper/view/133>. Acesso em: 2 janeiro 2013.

RIZZATTI, M. E. C. **Aspectos significativos da história de Frederico Westphalen**. FredericoWestphalen, Marin, 1996.

RODRIGUES, M. V. **Preservação e Conservação dos Acervos Bibliográficos**. In: IX ENCONTRO NACIONAL DOS USUÁRIOS DA REDE PERGAMUM. 2007. Curitiba. Disponível em: [http://cdij.pgr.mpf.gov.br/sistema-pergamum/ix-encontro-nacional/18\\_04\\_2007/Curso%20%20Preservacao.pdf](http://cdij.pgr.mpf.gov.br/sistema-pergamum/ix-encontro-nacional/18_04_2007/Curso%20%20Preservacao.pdf). Acesso em: 23 maio 2013.